

Release

Reflexões sobre as representações sociais da mídia sobre o envelhecer

Eliane Campelo - DRT n.264/TO

Sexismo e idadeísmo estão evidentes em quase todas as matérias analisadas pela pesquisadora Maria Luiza Martins de Mendonça no artigo **“Velhice, Velhices: entre (in)visibilidades, ativismos e transgressões”** publicado recentemente na Revista Observatório da Universidade Federal do Tocantins vol.3, n.6. No texto a autora traz reflexões sobre as representações sociais construídas por meio dos discursos midiáticos sobre o envelhecimento feminino e analisa-os a partir da perspectiva da produção simbólica como um locus de disputa pela fixação dos significados sociais em busca de se compreender quais são os olhares que a grande mídia lança sobre esse grupo social e quais as verdadeiras intenções destes olhares. A autora constata ainda a sub-representação desse grupo, a existência de tratamentos estereotipados e até preconceituosos e revela a existência de uma luta simbólica pela supremacia do significado hegemônico, oficial e legítimo do envelhecimento.

O texto traz análise de produtos midiáticos distintos como séries televisivas, filmes, revistas femininas impressas e portais na internet e apresenta algumas das imagens circulantes sobre a velhice e a população nessa faixa etária; no caso específico deste estudo a autora analisou conteúdos voltados para mulheres acima de 50 anos, para demonstrar as ambivalências e, buscou por meio de publicações emblemáticas sobre o casal Emmanuel e Brigitte Macron, reforçar as observações acumuladas ao longo de anos de investigação.

Atualmente, o crescimento do percentual da população com mais de 60 anos, mantém o tema “envelhecimento” em pauta e traz abordagens sob múltiplas perspectivas, mas principalmente com temas voltados para o binômio corpo-saúde. “A promoção desse corpo adequado vai depender também de um imenso arsenal médico-farmacêutico-químico e de práticas físicas destinadas a educá-lo, reprimi-lo, transformá-lo, rejuvenescê-lo de maneira a (tentar) enquadrá-lo nos padrões estéticos atuais” destaca a pesquisadora e acrescenta que a magreza e juventude eternas unem-se como ideais de beleza, projetos de vida e infinitas prescrições sobre o que convém ou não às pessoas “maduras” num processo que a antropóloga Guita Debert nomeia como a “privatização da velhice”, isto é, a responsabilização individual pelo envelhecimento ativo e saudável.

No conteúdo midiático, aponta o artigo, constróem-se os discursos e narrativas que incidem sobre a constituição do sujeito-velho (ou não-jovem) ao indicar e até mesmo prescrever o que fazer e como se comportar na maturidade e na velhice. E é nestes espaços também que circulam discursos que se justapõem, se confrontam, se complementam e levam “a diferentes maneiras de apreender, avaliar, sedimentar ou transformar as distintas relações que indivíduos e grupos estabelecem entre si e com os outros, e também ao surgimento de conteúdos que refletem concepções e interesses distintos ou mesmo conflitantes” sobre a velhice, sobretudo a velhice feminina.

O aspecto arbitrário da representação já é reconhecido e permanece uma questão atual, uma vez que mudar os termos da representação significa mudar a percepção que se tem dos fenômenos. Também porque na construção da realidade, mesmo sendo um processo coletivo, nem todos os agentes possuem o mesmo peso e as lutas simbólicas visam o estabelecimento do significado hegemônico, oficial, das práticas sociais e na construção da “velhice” ideal o valem as mesmas regras do jogo.

Não foi difícil identificar ambivalências e contradições nas reportagens publicadas. Além da utilização de formas autoritárias e prescritivas de discurso ao “ensinar” às mulheres o que e como fazer/comportar-se, “por exemplo, o que fazer para adiar ou camuflar os sinais visíveis do envelhecimento”. Também são percebidos silenciamentos. Ambivalências porque existem mensagens que tratam mulheres não-jovens como seres que habitam um universo à parte – o “Delas”, numa oposição nem sempre muito clara entre o “Elas” e um “Nós” que supomos serem pessoas jovens a quem são endereçadas a maioria das mensagens midiáticas. Estas abordagens “refletem distintas formas de conceber o envelhecimento e o lugar que cabe aos velhos e velhas em nossas sociedades”.

A autora aponta contradições e silenciamentos nos conteúdos analisados “porque, ao mesmo tempo em que tentam promover uma cultura do ativismo e da liberdade de ser o que se quer; ao ‘ensinar’ às mulheres o que e como fazer/comportar-se, comumente a mídia ignora ou silencia aspectos importantes do cotidiano de indivíduos envelhecidos: autonomia (especialmente física), afetos, sexualidade. Além dos assuntos quase tabus, como a menopausa, abordados quase que exclusivamente do ponto de vista de profissionais de saúde” e aclara que a representação da velhice e do envelhecimento femininos, sobretudo, perpassa uma inexistência social, onde a mídia coloca as mulheres que estão vivenciando plenamente o “processo de envelhecimento”, entre 50 e 60 anos numa espécie de “limbo” social.

A pesquisa aponta também para os diferentes ‘lugares’ em que se dá esse processo de envelhecimento, é preciso considerar a “heterogeneidade do envelhecimento, os atravessamentos e as desigualdades que tendem a aumentar com o passar dos anos, e que se relacionam tanto ao gênero quanto às classes sociais e ao meio sociocultural em que se insere o indivíduo”. E destaca que há uma forte tendência na mudança dos termos e nas proposições

acerca de estilos de vida possíveis para pessoas não-jovens e que essas novas proposições são atravessadas pelo fator econômico pois, “importa ressaltar que essas propostas, esses caminhos apontados na direção de um ‘envelhecimento feliz’, são viáveis graças aos recursos oferecidos por um amplo mercado de produtos e serviços destinados a esse novo nicho de mercado”.

As reportagens difamatórias, os termos pejorativos, o aumento da visibilidade dos ataques pessoais em razão da idade e da aparência sofridos pela primeira-dama francesa, Brigitte Macron sinalizam que, quando a ordem ‘natural’ das coisas é transgredida, como é o caso do casal Macron, “o que estava latente revela-se com toda sua força. Os preconceitos, os estereótipos e as classificações pejorativas mostram que ainda estão aí, para ser usados quando a tradição e os costumes se sentirem ofendidos”.

Como citar a pesquisa

MENDONÇA, Maria Luiza Martins de. VELHICE, VELHICES: entre (in)visibilidades, ativismos e transgressões. **Revista Observatório**, Palmas, v. 3, n. 6, p. 497-516, out. 2017. ISSN 2447-4266. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/4059>>. Acesso em: (data do acesso). doi: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n6p497>.